

MAGALHÃES JR., E. *Sua Majestade, o Intérprete*. São Paulo: Parábola, 2007, 232 p.

por Adail Sobral  
(Doutor em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem – PUC/SP)

Este livro aborda importantes questões da interpretação, principalmente simultânea, a partir da ampla e diversificada experiência prática de seu autor (cerca de 15 anos!), e com grande capacidade analítica. Seu caráter prático e o aspecto pessoal da reflexão são oportunos, revelando por assim dizer os bastidores da tarefa de interpretação simultânea, sem que lhe faltem reflexões teóricas acerca dos elementos que envolvem essa atividade. Há ainda algumas interessantes considerações acerca da tradução consecutiva, embora não seja esse o seu foco. O livro é pontado por exemplos práticos, advindos de situações reais, que muito contribuem para a compreensão do que está em jogo na atividade de interpretação. Complementa-o um Glossário de termos de uso comum na linguagem dos eventos que envolvem tradução simultânea, bem como por uma utilíssima relação de sugestões que o intérprete pode fazer com proveito aos palestrantes a quem deve interpretar a fim de melhor se alcançar o sucesso nesse empreendimento coletivo.

Um aspecto a destacar é que, como o diz o próprio autor, o livro contribui para desmistificar a atividade da interpretação ao examinar os componentes que lhe conferem seu perfil, e um dos recursos para isso é precisamente uma discussão teórica acerca do sentido de "interpretação/tradução" associada a reflexões sobre a prática. As várias maneiras de executar a tarefa de interpretação são outro ponto abordado, com clareza e bom humor, a que se soma uma atraente discussão prática, a que não faltam úteis sugestões de "dessensibilização", sobre o aspecto emocional dessa atividade, marcada pelo medo do fracasso (que de resto espreita em cada esquina).

Um importante elemento, poucas vezes tratado explicitamente, por ser considerado ponto pacífico, é a questão das implicações das formas específicas de aquisição de línguas estrangeiras pelo intérprete em seu desempenho profissional. É coberto aqui o espectro que vai da aquisição "natural" em ambientes bilíngües, ou multilingües, à aquisição "consciente", o que serve ainda para desfazer alguns equívocos com que o senso comum costuma ver a interpretação.

Outro ponto alto do livro é demonstrar que essa é uma atividade que, embora, como toda e qualquer atividade humana, possa beneficiar-se de alguma inclinação natural que o futuro profissional venha a ter, não envolve um "dom divino" ou algum elemento inato, não sendo do mesmo modo motivo para que o intérprete crie uma espécie de "egolatria" (o que não impede que isso ocorra com freqüência). Ao situar o intérprete como profissional, em vez de "ungido dos deuses", o livro ao mesmo tempo lhe confere seu devido lugar e importância — não negligenciáveis: o de **autor** de suas interpretações ("sua majestade, o intérprete") e de **responsável** pelas maneiras como promove o contato entre pessoas e culturas.

A interpretação como trabalho de uma equipe de intérpretes (que envolve, claro, problemas de convivência), a necessidade premente de formar uma parceria entre o interpretado e o intérprete para o bom andamento da interpretação (que envolve a preparação prévia, jamais integral, do intérprete), e o “combate” a mitos como os da impessoalidade, da infalibilidade, da experiência como critério definitivo, da insubstituíbilidade do intérprete etc., são abordados, mais uma vez de modo didático, bem-humorado e profundo, incluindo, como sempre, sugestões práticas sobre como superar situações mais difíceis.

O livro trata ainda da espinhosa questão do corporativismo, propondo parâmetros para a instauração de uma maior solidariedade e inclusão nesse universo. E, num importante capítulo, traça um panorama do surgimento e da evolução da tarefa de interpretação, com destaque para a reflexão sobre o caráter híbrido, multicultural e ambivalente da posição do intérprete – e da própria criação de sentidos na interpretação — como de resto em todo ato simbólico humano.

O livro se encerra com chave de ouro: um bem humorado, prático e nada “místico” manual resumido de motivação para subsidiar o esforço de muitos aspirantes a intérpretes que por vezes se vêem desestimulados por intérpretes experientes – sabe-se lá o motivo! Vemos aqui uma perfeita união entre a capacidade analítica e a coragem de exposição pessoal do autor, que marca todo o livro.

Assim, o livro vem preencher uma lacuna na área dos estudos de tradução, notadamente no que se refere à interpretação simultânea, e, mais do que isso, propor elementos para enriquecer uma necessária e inadiável discussão sobre essa tarefa — que ajudei a iniciar (ao lado de Ivone Benedetti e de vários colegas) com *Conversas do Tradutores* (Parábola, 2003) —, inclusive porque o campo se amplia com a entrada “oficial” no jogo dos intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Em tudo por tudo, este é um livro altamente recomendável a todos quantos se interessam — pessoal ou profissionalmente — pela tarefa da interpretação.